

3

Entendendo algumas abordagens de pesquisa associadas à formação continuada de professores

“The notion of ‘collaborative’ research has engaged academic researchers *with* teachers who are invited or *volunteer to ‘collaborate’* in carrying out the researchers’ agendas. However, the ‘collaborative’ role has not been a simple one to establish or to define due to intrinsically asymmetrical relations” (Miller, 2001:463).

“O objetivo é integrar reflexão e ação” (Reason, 1994:10).

De acordo com Magda Soares (1992:124) “pode-se considerar os anos 70, como o momento desse surgimento do não-convencional na pesquisa em educação”. As pesquisas convencionais começaram a dividir espaço com as pesquisas ditas não-convencionais ou transgressivas. Então, já nesta época, “surgiram a pesquisa participante, a pesquisa-ação, a influência de métodos etnográficos na pesquisa educacional, a ênfase no qualitativo em oposição ao quantitativo” (Magda Soares (ibid.:124).

Como aponta Cavalcanti (2004, *inter alia*) e como pode se perceber nos programas de eventos da área de Linguística Aplicada é grande o número de pesquisas feitas nas áreas de educação ou, mais especificamente relacionada com a área de ensino-aprendizagem de línguas ou de formação de professores nesta área. Nestes trabalhos, encontra-se cada vez mais a preocupação por parte dos pesquisadores, em oferecer oportunidades para que os pesquisados participem mais ativamente do processo de pesquisa (Allwright and Bailey, 1991; Allwright, 2006a; *inter alia*). Há, ainda, um crescente interesse para que os professores se tornem pesquisadores em seus contextos de trabalho, nos quais o professor pode pesquisar junto de um pesquisador externo ou ser o próprio pesquisador (Gieve and Miller, 2006, *inter alia*).

3.1.

Abordagens reflexivas no desenvolvimento profissional

Com a intenção de situar a PE no horizonte das práticas investigativas que vêm sendo associadas a processos de formação continuada de professores, faço, neste capítulo uma breve revisão de literatura destas abordagens. Serão contempladas, neste estudo, a pesquisa-ação (Nunan, 1992), a prática reflexiva (Zeichner, 1994), a pesquisa participatória (Reason, 1994) e a pesquisa colaborativa (Magalhães, 2002). Essas abordagens de pesquisa estão relacionadas a dois paradigmas de pesquisa propostos por Lincoln e Guba (2000), a saber: o paradigma construtivista e o paradigma participatório.

Nas subseções seguintes, sintetizarei as descrições das abordagens a partir das leituras dos autores mais representativos de cada abordagem.

3.1.1.

Pesquisa-ação

Uma das abordagens mais antigas e conhecidas no contexto educacional é a que se denomina pesquisa-ação. Influenciada pelo método científico aplicado ao contexto educacional no século XIX e início do século XX. Nesta abordagem,

destaca-se o nome de John Dewey que utilizava métodos científicos para resolução de problemas educacionais.

Há vários movimentos históricos e filosóficos que tiveram influência na pesquisa-ação. Nas décadas de 50 e 60, a pesquisa-ação foi o tipo de pesquisa adotada para estudar indústrias, e, após a segunda guerra mundial, foi adotada na educação como estratégia para desenvolver um planejamento de ações que desse conta de problemas complexos. Nesta época, os professores pesquisavam seus contextos com a ajuda de pesquisadores externos (Master, 2000). Este tipo de pesquisa teve início no Reino Unido, na Europa e na Austrália e só muito depois foi adotada nos Estados Unidos.

De acordo com Kemmis e Mc Taggart (1988 apud Nunan, 1992:17), há três principais características que definem este tipo de investigação: a primeira está relacionada ao pesquisador, este não é um pesquisador externo e sim um praticante, ou seja, está inserido no contexto de pesquisa. A segunda característica é que este tipo de pesquisa é conduzido de forma colaborativa e, como última característica, o propósito é causar mudança, resolver um problema ou ainda, mudar o sistema, que pode ser, por exemplo, a metodologia de uma aula que não vem motivando os alunos.

Por outro lado, Nunan (ibid.:17), afirma que, embora a colaboração seja desejável, não deve ser uma característica que defina a pesquisa-ação. O autor admite, ainda, que algumas pesquisas não geram mudanças.

A metodologia utilizada para a realização deste tipo de pesquisa envolve alguns passos, a saber: a) apontar um problema usando uma pergunta, b) coletar dados utilizando a observação e a gravação, c) levantar hipóteses a partir dos dados, d) intervir no processo para resolver o problema, e) avaliar o trabalho, f) apresentar o trabalho para outros e g) fechamento - investigar alternativas para solucionar o problema.

3.1.2. Prática Reflexiva

De acordo com Zeichner (1996:8), no início do século XX, Dewey foi o primeiro filósofo educacional a ver o professor como praticante reflexivo. Para

Dewey, o processo reflexivo começa quando o professor experiencia uma dificuldade que não pode ser resolvida imediatamente. Alguns autores chamam esta dificuldade de questionamento prático.

Dewey (ibid.:10-12) afirma que esta atitude reflexiva não pode ser considerada um pacote de técnicas, porém deve ser vista como uma forma de ser professor que envolve intuição, emoção e paixão. Além disso, sua proposta é que o professor não reflita todo tempo, mas que busque um equilíbrio entre rotina e reflexão, ou ainda entre pensamento e ação. Neste tipo de pesquisa, procura-se que o praticante reflita a respeito de sua própria prática, através da observação.

Um dos principais expoentes desta orientação teórica, Zeichner (1996:4) constata que “durante a última década, o slogan de ‘ensino reflexivo’ tem sido abraçado pelos professores, educadores de professores e pesquisadores educacionais por todo mundo”.

No que diz respeito à participação do professor reflexivo em pesquisas, alinhio-me com Zeichner (1994:20 apud Miller, 2001:10) quando ele afirma que gostaria de presenciar pesquisas em que os pesquisadores universitários não fossem considerados ‘os outros’, mas ao contrário, pesquisas mais colaborativas, envolvendo ambos os professores, o educador e o pesquisador.

De acordo com Zeichner e Tabachnick (1991:16 apud Miller, 2001:10), é através da experiência dos participantes envolvidos no processo reflexivo que os educadores aprendem o que é refletir para eles e para seus alunos, incluindo o significado de ação que a reflexão gera.

3.1.3. Pesquisa Participatória

A pesquisa participatória (*Participatory Inquiry*, Reason 1994) originou-se nos países da África, Ásia e América Latina há cerca de quatro décadas atrás. Surgiu como uma das inúmeras críticas às reivindicações das pesquisas positivistas ortodoxas. Há algumas tendências que podem explicar a história desta abordagem emancipatória, na qual a questão crucial é a relação de poder entre pesquisadores e pesquisados. A primeira raiz desta abordagem está no debate sobre a sociologia do conhecimento. A segunda tendência se concentra na

educação de adultos, que busca promover o diálogo entre educadores e aprendizes e ainda visa dar aos aprendizes um controle maior sobre seu próprio aprendizado. Um dos nomes marcantes deste tipo de pesquisa é Paulo Freire, famoso pelos estudos que tinham como foco a educação de adultos (Martin, 1994).

De acordo com Reason (1994:11), este tipo de pesquisa é feito *com* as pessoas, e não *sobre* as pessoas, logo a participação é fundamental para que haja entendimento entre os envolvidos. Reason (ibid.:47) ainda afirma que esta abordagem é importante porque enfatiza os aspectos políticos da produção de conhecimento.

Três elementos podem ser considerados palavras-chave neste tipo de abordagem: pessoas, experiência e poder (Sohng, 1995). As pessoas são o que há de mais rico nesta abordagem, já que, sem elas não é possível conduzir a pesquisa que é realizada com a participação efetiva dos envolvidos. Reason (1994:47) afirma que a grande maioria dos praticantes que adotam este tipo de abordagem trabalha com pessoas desfavorecidas. As experiências são fundamentais, já que os entendimentos serão construídos a partir do que os co-pesquisadores já vivenciaram. Ainda, a relação que existe entre pesquisador e pesquisado é um ponto determinante, já que ambos pesquisam juntos e, por isso, a assimetria do poder está como pano de fundo.

Dentre os objetivos deste tipo de pesquisa, o principal é a produção de conhecimento e ação diretamente útil a uma comunidade; o segundo, como afirma Freire (1970 apud Reason, ibid.:48), é a conscientização, para empoderar as pessoas a construir e usar o conhecimento para “ver além”. A intenção é ajudar as pessoas a saírem da cultura do silêncio e da visão científica e técnica dos países dominantes.

A pesquisa participatória desafia a prática se considerarmos, por exemplo, o contexto educacional (Freire, 1970 apud Reason 1994:48). Esta perspectiva de pesquisa busca um sistema alternativo de produção de conhecimento e caracteriza-se por diversos métodos que podem incluir encontros comunitários, música, teatro, grupos de discussão e formas mais ortodoxas de trabalho investigativo.

O envolvimento dos participantes é fundamental nesta abordagem de pesquisa, já que “só podemos entender nosso mundo como um todo se formos

parte dele; se tentarmos ficar de fora, nos dividimos e separamos” (Reason, 1994:11).

3.1.4. Pesquisa Colaborativa

O embasamento teórico da pesquisa colaborativa, de acordo com Magalhães (2002: 39), está,

“em um arcabouço teórico que tem como centro a discussão da dialogia bakhtiniana, da ação comunicativa habermasiana e dos conceitos de ensino-aprendizagem e desenvolvimento vigotskianos que enfocam a linguagem como ação, como prática discursiva”.

A pesquisa colaborativa pode ser entendida, principalmente, como aquela que abre espaço para discutir os objetivos dos agentes. Tem como objetivo a formação contínua de professores. Uma palavra chave para entender esse tipo de pesquisa é negociação - feita entre professores e pesquisadores externos.

Essa abordagem considera a pesquisa feita com professores como ação colaborativa, na qual pesquisadores externos e professores problematizam uma questão e constroem conhecimento em encontros denominados por Magalhães (2002:50) como “sessões reflexivas”.

Um professor que se engaja em uma pesquisa com base na reflexão colaborativa tem como característica a coragem para enxergar a sala de aula através de uma nova ótica. Como diz Magalhães (ibid.:47), “ser um profissional reflexivo implica admitir conflitos e incertezas na compreensão das ações da sala de aula”. Reflexão neste caso pode ser entendida como “uma reorganização e reconstrução de práticas que possam conduzir a novas compreensões de um contexto de ação particular...” (Grimmett,1988 apud Pérez Gómez, 1992, p.12 apud Magalhães, 2002:50).

3.1.5. A Prática Exploratória

Allwright (2003a) propõe a PE como uma pesquisa do praticante (*practioner research*), uma forma alternativa de pesquisa, uma forma pela qual

professores, alunos e qualquer outro tipo de praticante podem investigar seus questionamentos locais a partir de atividades regulares levemente adaptadas.

É uma modalidade de pesquisa que não precisa de pesquisadores externos (Gieve e Miller, 2006). Esta dissertação e a de outras colegas do grupo da PE que construíram dissertações de Mestrado e teses de Doutorado a partir de suas experiências exploratórias se inserem no que Cerdera (em andamento) denomina de discurso acadêmico crescente da PE.

Desta forma, a PE tem inspirado pesquisas em contextos acadêmicos a partir de experiências investigativas *com* praticantes exploratórios. Este caminho tem levado a situações híbridas, especialmente no que tange à questão da participação, da agentividade e dos limites ou fronteiras não muito definidas entre a PE e as demais abordagens.

Com a finalidade de inserir e situar a PE neste cenário teórico-metodológico busco pontos de contato entre os princípios da PE que orientam o desenho desta pesquisa e as outras abordagens.

3.2.

A Prática Exploratória no cenário das pesquisas reflexivas

Estamos diante de um cenário em que as fronteiras entre certas teorias são cada vez menores. Acredito, portanto, que uma abordagem de pesquisa em formação de professores não exclui completamente a outra, já que considero que haja um “eco” nas propostas feitas por cada uma das abordagens acima apresentadas. O que pretendo, neste momento, é construir, com o leitor, um diálogo entre as abordagens e mostrar onde e como essas perspectivas se relacionam entre si e com a PE. Assim como Guba e Lincoln (2000:167), pretendo “mostrar que [nesta área] as vozes estão começando a alcançar alguma harmonia”.

É inquestionável que todas as abordagens anteriormente descritas, de alguma forma, precisam, entre outros aspectos, teorizar sobre como é importante dar voz aos participantes, envolver os pesquisados, gerar reflexão e focar em realidades específicas. Fica claro, também, que os autores acima mencionados já valorizam o professor por ser conhecedor do contexto de pesquisa.

Sendo muito ousada, afirmo que os pesquisados ou “os marginalizados”, anteriormente considerados como apenas fontes de informação, aqueles de quem se extraíam os dados e a quem, raramente, se mostravam os dados e os resultados, vêm sendo, ultimamente, se não integrados ao processo de pesquisa, pelo menos estão sendo lembrados.

Busco, na minha pesquisa, ver minhas colegas pesquisadoras como co-pesquisadoras, como sujeitos que podem assumir comigo – pesquisadora e também pesquisada – um papel ativo na pesquisa. Todas co-construindo entendimentos e gerando novos questionamentos, tarefas estas que eram exclusivas do pesquisador.

Aceitando a premissa que todas essas abordagens de pesquisa desenvolvidas no processo de formação continuada de professores resultam da busca por uma alternativa ao padrão de pesquisa convencional, encontro, basicamente, quatro pontos de contato.

A partir do mapeamento feito nas subseções seguintes, segue um quadro no qual busco, de forma resumida, traçar os pontos em comum entre todas as abordagens. Aproveito para destacar, nesta ocasião particular, os aspectos de participação, motivação, contexto e processo com relação a minha pesquisa.

3.2.1. A motivação

O objetivo de cada uma dessas abordagens reflete o desejo do professor de lidar melhor com o seu ambiente de trabalho. Na verdade, os professores, de uma maneira geral, como outros profissionais, desejam qualidade no seu trabalho. Considerando as inúmeras adversidades que os professores encaram diariamente, a pesquisa se apresenta como elemento importante se não necessário no cenário educacional.

Além das responsabilidades e atividades que já são próprias da profissão, o constante desejo de fazer da sua prática um meio de ação social eficaz faz com que professores se revistam de coragem para se engajar em pesquisas que geralmente, anseiam por mudanças.

A **pesquisa-ação** tem como objetivo primeiro resolver um problema, ou seja, desde sua elaboração pretende envolver mudanças. A **prática reflexiva** procura oferecer ao professor uma oportunidade para mudar, reagir à visão de professor como técnico, que implementa o que já se tem pré-estabelecido. Assim como outras abordagens, esta envolve o levantamento e resolução de problemas, acredita que através da reflexão é possível ver o problema de forma diferente e tornar-se um profissional eficiente. A **pesquisa participatória** busca a produção de conhecimento útil para uma comunidade, na qual a participação futura dos envolvidos é cultivada. Integrar ação e reflexão é um pilar forte deste tipo de pesquisa, que busca uma mudança no comportamento dos envolvidos, uma vez que se pretende que estes deixem de ser passivos. Já a **pesquisa colaborativa** busca oferecer igualdade de oportunidades para que todos os envolvidos possam ver o mundo de forma diferente e agir dentro dessa nova visão, propiciando, assim, a transformação social.

Liberali (2008) sistematiza, de forma pertinente, as diversas motivações que tendem a orientar estas abordagens. As motivações são estudadas partindo de três conceitos de reflexão distintos: a reflexão técnica, a prática e a crítica (Van Manen, 1977; Habermans, 1973).

A reflexão técnica preocupa-se “com eficiência e eficácia dos meios para atingir determinados fins” (Liberali, 2008:31) e se ocupa em aplicar questões teóricas às ações, buscando mudança na prática. Esta perspectiva enxerga o professor “como mero técnico capaz de aplicar teorias e técnicas científicas a problemas instrumentais” (ibid.:33). Liberali afirma ainda que, neste enfoque, o professor é capaz de solucionar problemas comuns ao cotidiano, porém tem dificuldade para solucionar situações não-usuais. Observo que esta reflexão poderia ser associada também à perspectiva adotada pela **pesquisa-ação**.

A reflexão prática visa ao “conhecimento que facilita o entendimento dos problemas da ação” (ibid.:31) e tenta encontrar soluções para a prática na prática. A autora argumenta que esse tipo de reflexão ocorre com base em narrativas de fatos ocorridos em sala, ainda que essas narrativas estejam cheias de avaliações pessoais sem qualquer referencial teórico que ofereça embasamento. Percebo que a **prática reflexiva** está associada a este tipo de reflexão, já que propõe a reflexão-na-prática e a reflexão-sobre-a-ação.

Procurando associar as duas visões anteriores, a reflexão técnica e a prática, a reflexão crítica valoriza “os critérios morais e as análises de ações pessoais em contextos histórico-sociais mais amplos” (ibid.:31). “O interesse aqui está centrado em resolver as contradições dos dois outros tipos de reflexão, em direção a uma maior autonomia e emancipação para os praticantes” (ibid.:38). A reflexão aqui é uma possibilidade de emancipação e, por esse motivo, associo este tipo de reflexão às abordagens da **pesquisa participatória** e da **pesquisa colaborativa**.

Entendo que a **prática exploratória**, embora não assuma uma postura extrema ligada à transformação social, caracteriza-se por dois tipos de reflexão, a reflexão prática e a reflexão crítica. Tem características da primeira, uma vez que o praticante busca refletir sobre a própria prática e ainda se baseia na troca de experiências. A PE, entretanto, considera que “assumir uma postura crítica implica ver a identidade dos agentes como intelectuais dentro da instituição e da comunidade (...)” (ibid.). A PE focaliza possíveis entendimentos de questões que instigam os participantes, através do monitoramento de algumas práticas.

A **prática exploratória** tem como objetivo associar as atividades cotidianas – ensinar, no contexto de sala de aula ou trabalhar para entender, em outros contextos – à pesquisa. Associando o trabalho para entender às atividades cotidianas, a PE permite que os praticantes pesquisem, busquem entendimentos a respeito de questões que lhes interessem, enquanto desenvolvem suas atividades. Reconhecendo que as mudanças são inevitáveis, a PE não é contra a mudança, apenas a mudança não é o ponto de partida desta abordagem. Quando se questiona e se reflete, não há como evitar a mudança, ela apenas ocorre ao se adotarem novas perspectivas em relação ao questionamento inicial. Vejo que a mudança, que, para a PE, é de perspectiva, é uma consequência natural da reflexão – compreender mais profundamente é a mudança proposta pela prática exploratória. Como metodologia de pesquisa, a PE é mais orientada para a ação que a **prática reflexiva** e mais orientada para o entendimento que a **pesquisa-ação**.

De alguma forma, acredito que estas perspectivas de pesquisa buscam olhar com outras lentes o contexto onde se atua, visando melhorar (em diversos sentidos) o ambiente de trabalho. De maneiras distintas, todas preocupam-se com mais rigor com a “qualidade do trabalho”, em ambientes pedagógicos. A PE tem

como prioridade o foco na “*qualidade de vida em sala de aula ou em outros contextos*” (Gieve e Miller, 2006).

No que diz respeito à pesquisa que ora apresento, o objetivo central foi conversar para entender quem somos a partir de nossas narrativas de experiências exploratórias. Orientadas pelos princípios da PE, não buscamos mudanças técnicas ou melhoras na eficiência. Interessa-nos a “qualidade” de nossas vidas dentro e fora da sala de sala, no grupo da PE e na vida profissional.

3.2.2. A participação

Apesar de os termos utilizados serem diferentes, a participação do professor parece ser central em todos os tipos de pesquisas apresentados. O professor é envolvido diretamente no processo, já que ele é conhecedor profundo do contexto investigado.

No caso da **pesquisa-ação**, está prevista a interação entre o pesquisador (que pode ser o próprio professor ou um ‘*outsider*’) e membros da situação pesquisada com vistas a solucionar problemas enfrentados. O foco da **pesquisa reflexiva** é o próprio praticante reflexivo; ele é o agente de sua prática que busca contribuir para a melhora do seu contexto. Na **pesquisa participatória**, cuja proposta é pesquisar ‘com’ as pessoas, e não ‘sobre’ elas, enfatiza-se o desejo de empoderar os participantes por meio da pesquisa, sendo os envolvidos reconhecidos como co-pesquisadores. De alguma forma, a **pesquisa colaborativa**, envolve pesquisadores acadêmicos e professores que convivem diariamente com a realidade do contexto de pesquisa, buscando a emancipação dos agentes, que em alguns cursos de formação contínua, podem ser reconhecidos como multiplicadores do processo de que fizeram parte.

A **prática exploratória** denomina praticantes as pessoas do contexto que se envolvam diretamente na pesquisa do ambiente investigado, podendo ser estes professores, alunos, coordenadores ou qualquer outro membro do contexto pesquisado.

Mesmo que com focos e agências diferentes, um forte ponto de contato entre estas abordagens de pesquisa está, de fato, na participação das pessoas

envolvidas. Os três princípios norteadores da Prática Exploratória, “*envolver todos neste trabalho*”, “*trabalhar para a união de todos*” e “*trabalhar para o desenvolvimento mútuo*”, resumem bem esta crença no trabalho reflexivo conjunto e no trabalho entre colegas (*collegiality*). Criam-se oportunidades para desenvolver a reflexão crítica das práticas investigadas e o trabalho inclusivo, que levam a ressignificar as relações de simetria ou assimetria naturais do grupo que busca entender questões. Estas relações podem se tornar, por exemplo, a questão a ser investigada de forma reflexiva e integrada às práticas cotidianas.

Nesta dissertação, a participação dos agentes da pesquisa foi construída como trabalho reflexivo e conjunto, através do qual buscamos criar um espaço de pesquisa que também fosse um espaço democrático para refletir a respeito de nossa vida profissional. Realizamos um trabalho reflexivo conjunto que não se propôs a mudar ou resolver nenhum problema específico. Propus às minhas colegas que criássemos espaços discursivos em que nós, como membros e colegas do grupo da PE, pudéssemos trocar nossas narrativas de experiências e trabalhar para melhor entendê-las, em nossas mini-comunidades exploratórias.

3.2.3. O contexto

As cinco abordagens discutidas neste capítulo apontam que o foco da pesquisa deve estar voltado para a própria prática dos professores envolvidos. A **pesquisa-ação** foca uma situação específica e nela segue uma série de etapas para obter dados. A **pesquisa reflexiva** considera a sala de aula, um laboratório de prática, sendo assim, a reflexão também ocorre a partir da prática. No que tange à **pesquisa participatória**, pode-se afirmar que essa pesquisa busca explorar a idéia na ação, reunindo dados na própria experiência, investigando a própria prática. Na mesma direção caminha a **pesquisa colaborativa** quando examina práticas sociais naturalizadas.

Também a **prática exploratória** busca levantar e discutir questões a partir de práticas naturalizadas que instigam os praticantes. Quando o contexto é a sala de aula, investigam-se os questionamentos através dos próprios conteúdos e de atividades pedagógicas levemente adaptadas. Como afirma Sette (2006:62), a PE

é uma “forma de lecionar que não obriga o professor a parar as atividades cotidianas da sala de aula para trabalhar entendimentos”. No caso do contexto extra-classe, as práticas discursivas são investigadas através de sessões de consultoria (Miller, 2001), reuniões e entrevistas (Moura, 2007).

Entendo que as reuniões que tive com minhas colegas-pesquisadoras foram adaptações de reuniões normais do grupo da PE, nas quais trocamos narrativas sobre nossas experiências exploratórias em sala de aula ou em outros contextos profissionais e/ou familiares. Penso que, ao contarmos estas histórias, usamos o espaço discursivo das narrativas para entendermos nossas vidas de forma mais profunda.

A adaptação constitui na decisão de gravar e transcrever as interações para podermos nos debruçar sobre elas depois. O trabalho interpretativo de nossas narrativas foi integrado à razão de nos encontrarmos de novo; isto é de nossas reuniões para análise colaborativa.

3.2.4. O processo

Todas as abordagens aqui apresentadas trazem consigo a intenção de contribuir para a formação continuada do professor. A questão é até que ponto a continuidade ou a sustentabilidade da reflexão almejada pelos formadores é entendida ou percebida pelos próprios professores.

O processo da **pesquisa-ação** é sistemático e envolve etapas pré-fixadas que devem ser seguidas na busca de soluções, funciona como um ciclo. É caracteristicamente experimental e previamente definido. Caso se perceba o que se pretende mudar, é possível uma redefinição das etapas. O equilíbrio entre rotina e reflexão é proposto pela **pesquisa reflexiva**, que busca a observação da própria prática como forma de pesquisa. A reflexão é desejada nesta abordagem ao longo de todo o processo, ou seja, antes, durante e depois de cada tomada de decisão, ou de cada ação. Já a **pesquisa participatória**, que concebe o processo de forma dialógica e reflexiva, visa a integrar a reflexão à vida cotidiana e, desta forma parece tornar a continuidade possível. A **pesquisa colaborativa** propõe um

processo de investigação constante, em que o professor se posicione como um profissional crítico e reflexivo de sua ação.

A **prática exploratória** tem como um de seus princípios a sustentabilidade e para tal, utiliza atividades diárias, comuns à vida da sala de aula ou a outros contextos que possam ser monitoradas para reflexão. A intenção é não levar os participantes ao esgotamento e promover o processo reflexivo constante, ou seja, criar condições para que ele possa ocorrer por tempo indeterminado, de forma sustentável (Allwright, 2006a).

A integração da reflexão às atividades do cotidiano é, sem dúvida, o grande elo entre estas abordagens com relação à continuidade e sustentabilidade. Das atividades relacionadas a esta pesquisa somente a transcrição poderá ser descontinuada. A presença das minhas colegas-pesquisadoras e minha nas reuniões do grupo da PE é um indício da sustentabilidade da atitude reflexiva sobre a vida profissional e do nosso entendimento a respeito do conceito de formação continuada.

Referindo-se à **pesquisa-ação**, à **prática reflexiva** e à **PE**, Allwright (1999:8) aponta que essas formas de pesquisa “devem formar uma combinação que provavelmente será muito mais produtiva do que qualquer uma das partes tomadas de forma isolada”. Entendo esta concepção como inerente às outras abordagens apresentadas e discutidas aqui. Desta forma, pretendo que minha pesquisa seja colaborativa-inclusiva-participativa para dar conta da complexidade que é envolver as múltiplas vozes dos agentes que participaram ao longo do trabalho para entender.

Por fim, ressalto que essa aventura de fazer pesquisa em parceria é muito rica e leva o pesquisador-praticante a refletir sobre o significado de produzir um texto a partir da co-construção de entendimentos gerados com seus pares.

Talvez o caminho da continuidade da reflexão na formação continuada esteja sendo apontado por Allwright (2002a:60 apud Sette, 2006:61), quando ele diz: “tentar entender um problema [é] uma forma de mudar seu status de ‘problema a ser resolvido’ para ‘questão com a qual conviver’”.

3.2.5. Quadro teórico-metodológico

Com a finalidade de sintetizar a discussão acima, apresento aqui um quadro comparativo amplo das abordagens de pesquisa em formação de professores. Este quadro é apenas um esboço feito a partir da resenha pessoal da literatura nesta área, que poderá ser aprofundado quando for foco de reflexão compartilhada ou conjunta dentro do grupo da PE.

	“Ponto de partida”	Objetivos	Envolvidos	Questões	Processos
Pesquisa-ação (Nunan, 1992)	problema da própria prática	intervir e resolver o problema/ mudança	pesquisadores - membros da situação investigada	problemas específicos a serem resolvidos	planejamento de etapas pré-fixadas
Prática Reflexiva (Zeichner, 1994)	dificuldade que precisa ser superada	melhorar a prática	professor-praticante	aspectos da sala de aula	reflexão sobre a rotina
Pesquisa Participatória (Reason, 1994)	próprias experiências e práticas	cultivar a participação futura/ intensificar a participação mais plena	co-pesquisadores	experiências integradas à vida cotidiana	reflexão contínua
Pesquisa Colaborativa (Magalhães, 2002)	questão a ser problematizada e discutida	buscar transformação social/ formação crítica e discursiva/ conscientização crítica	pesquisadores externos e professores/ educadores	desnaturalizações das rotinas/ contexto escolar/ problematizações	constante investigação
Prática Exploratória Allwright (2003 a)	<i>puzzle</i> (questionamento)	buscar entendimentos/ ressignificação de mudança/ mudança de atitude ou postura	grupos de praticantes (alunos, professores ou profissionais diretamente envolvidos)	questões da vida em sala de aula ou outros contextos	reflexão contínua e integrada às práticas profissionais